

butcher & blackbird
trilogia amor ruinoso | livro 1
brynne weaver

Tradução de Isabel Baptista

CONTEÚDO E ADVERTÊNCIAS

Por muito que *Butcher & Blackbird* seja uma comédia romântica sombria que, esperemos, vos faça rir no meio da loucura, não deixa de ser sombria! Por favor, leia com responsabilidade. Se tiver dúvidas sobre esta lista, não hesite em contactar-me em brynnneweaverbooks.com ou numa das minhas plataformas das redes sociais (sou mais ativa no Instagram e no TikTok).

- Globos oculares e órbitas oculares
- Cirurgia amadora
- Ornamentos de pele
- Motosserras, machados, facas, bisturis — muitos objetos afiados
- Canibalismo acidental
- Canibalismo não tão acidental
- Utilização questionável de um cadáver mumificado
- Criado lobotomizado
- Uso impróprio de utensílios de cozinha
- Peço desculpa pelo gelado de natas com bolacha (na verdade, não peço)
- Cenas de sexo pormenorizadas que incluem (mas não se limitam a) estimulação da piroca, sexo à bruta, enaltecimento da perverção, sexo anal, brinquedos para adultos, asfixia, cuspidelas, interações de dominador/submisso, *piercings* genitais
- Referências a negligência parental e a violência contra menores
- Perda parental (não ilustrada)
- Referências a abuso sexual de menores (não pormenorizado)
- Trata-se de um livro sobre assassinos em série, pelo que existem alguns homicídios malucos e um caos generalizado.

*Para aqueles que leram as advertências e disseram:
«Canibalismo accidental?! Contem comigo!»
Este livro é para vocês.*

PLAYLIST

Disponível no Apple Music e no Spotify:

Apple Music



Spotify



CAPÍTULO 1 – VIVER O PRESENTE

Stressed Out — twenty one pilots

Better on Drugs — Jim Bryson

CAPÍTULO 2 – TUDO MUITO DIVERTIDO

Red — Delaney Jane

Dodged a Bullet — Greg Laswell

Waves — Blondfire

CAPÍTULO 3 – VENTRICULAR

Easy to Love — Bryce Savage

Obsession — Joywave

CAPÍTULO 4 – ATELIER

Territory — Wintersleep

Castaway — Barns Courtney

CAPÍTULO 5 – CERTEZA

Jerome — Zella Day

Trying Not to Fall — Jonathan Brook

CAPÍTULO 6 – SUSANNAH

Killer — Valerie Broussard

Demise — NOT A TOY

CAPÍTULO 7 – ERA CUBISTA

Demons — Sleigh Bells

I Don't Even Care About You — MISSIO

CAPÍTULO 8 – DEBAIXO DO COPO

Birthday Girl — FLETCHER

BLK CLD — XLYØ

Where Snowbirds Have Flown — A Silent Film

CAPÍTULO 9 – CRIAÇÃO

Addicted (com Greg Laswell) — Morgan Page

The Enemy — Andrew Belle

Into the Fire — Thirteen Senses

CAPÍTULO 10 – DIJON

West Coast — MISSIO

Heart of an Animal — The Dears

CAPÍTULO 11 – DISCÓRDIA

Knives Out — Radiohead

Walk on By — Noosa

Drowned — Emily Jane White

CAPÍTULO 12 – PUZZLES

Forget — Marina and the Diamonds

Shine — Night Terrors of 1927

Come Out of the Shade — The Perishers

CAPÍTULO 13 – HUMANIDADE CORROÍDA

Blastofffff — Joywave
Kids — Sleigh Bells
Shimmy (com Blackillac) — MISSIO

CAPÍTULO 14 – ESTILHAÇADO

Indestructible — Robyn
Deadly Valentine — Charlotte Gainsbourg
Love Me Blind — Thick as Thieves

CAPÍTULO 15 – MARCAS

Best Friends — The Perishers
Novocaine — Night Terrors of 1927
Sentimental Sins — Matt Mays

CAPÍTULO 16 – REVELAÇÕES DESTROÇADAS

Fade into You — The Last Royals
Between the Devil and the Deep Blue Sea — XYLØ
For You — Greg Laswell

CAPÍTULO 17 – BELO DESCALABRO

Heaven — Julia Michaels
Never Be Like You (com Kai) — Flume

CAPÍTULO 18 – EXPLOSÃO

AT LEAST I'M GOOD AT IT — NERIAH
Body — Wet
Crave — Dylan Dunlap

CAPÍTULO 19 – RESERVAS

Farewell — Greg Laswell
Spoonful of Sugar — Matt Mays

CAPÍTULO 20 – TORRE

Dark Beside the Dawn — Adam Baldwin
Wandering Wolf — Wave & Rome
Where to Go — Speakrs

CAPÍTULO 21 — CHAVES

Look After You — Aron Wright
Heroin — Lana Del Ray

CAPÍTULO 22 — DELICADEZA

Vagabond (com Czarface) — MISSIO
Burn the Witch — Radiohead
Half Your Age — Joywave

CAPÍTULO 23 — PIGMENTO

Bones — Scavenger Hunt
Don't Believe in Stars — Trent Dabbs

CAPÍTULO 24 — COLHIDO

We Are All We Need — Joywave
End of All Time — Stars of Track and Field

EPÍLOGO

Lifetime Ago — Greg Laswell

PRÓLOGO



Butcher & Blackbird
Concurso Anual de Agosto
7 dias

*Desempate por pedra-papel-tesoura
à melhor de cinco*

O vencedor fica com o Fantasma da Floresta

VIVER O PRESENTE



Ser uma assassina em série que mata assassinos em série é um ótimo passatempo... Até nos vermos fechados numa jaula.

Durante três dias.
Com um cadáver.
No verão do Louisiana.
Sem ar condicionado.

Lanço um olhar raivoso para o cadáver cheio de moscas que está do outro lado da porta fechada da minha jaula. Os botões da camisa do Albert Briscoe esticam-se por cima do volume do seu ventre distendido, cinzento-esverdeado. Do seu ventre em *movimento*, com a pele fina a ondular por cima dos gases e das larvas que lhe vão mastigando a carne lá por baixo. O fedor a podridão, o zumbido dos insetos, o cheiro a merda e a mijo que vazaram do seu corpo, é revoltante como o caraças. E eu não sou melindrosa. Mas tenho padrões. Prefiro os meus cadáveres quando estão frescos; só quero pegar nos meus troféus, montar o meu cenário e *ir-me embora*, não quero ficar ali a ver enquanto eles se liquefazem.

Como se fosse uma deixa, começo a ouvir o som baixinho de alguma coisa a romper, como papel molhado a rasgar-se.

— Não...

Quase consigo ouvir a voz do Albert vinda do outro mundo: «*Sim.*»

— Oh, *não, não, não...*

Está a acontecer. Isto é por me teres matado, sua cabra de merda.

A pele rasga-se e uma massa branca de larvas jorra cá para fora, como pequenas massinhas pevide. Mas há um número significativo dessas massinhas que estão a rastejar em direção a mim a um ritmo arrepiante, à procura de um lugar calmo para completar a próxima fase do seu ciclo de vida larvar.

— Ai c’um caraças, valha-me Deus.

Agacho-me no chão de pedra encardida da minha jaula e encontro-me toda. A minha testa pressiona-se contra os meus joelhos até o cérebro me doer. Começo a cantarolar, na esperança de abafar os sons que de repente se tornaram demasiado altos à minha volta. A minha melodia torna-se cada vez mais alta, até os meus lábios gretados começarem a formar palavras ao acaso. *Ninguém aqui me pode amar ou compreender... Blackbird, adeus, adeus...* Cantarolo até as palavras desaparecerem, e a melodia também.

— Renuncio às minhas más ações — pronuncio depois de a canção se desintegrar entre os grãos de poeira e o zumbido das asas opalescentes dos insetos.

— É uma pena. Aposto que eu iria gostar das tuas más ações.

Assusto-me com o som da voz profunda e suave de um homem, com a cadência de um ligeiro sotaque irlandês a aquecer cada nota. Os meus pavões cortam o ar húmido quando a minha cabeça bate contra uma barra de ferro da minha pequena cela, enquanto me afasto do alcance do homem que se aproxima pelo fino fio de luz da janela estreita, com o vidro opaco de cagadelas de mosca.

— Pareces estar em apuros — diz ele. Um sorriso torto esboça-se no seu rosto, mas o resto das suas feições está escondido na sombra. Ele avança alguns passos pela sala dentro para olhar para o cadáver, inclinando-se para o ver mais de perto. — Como é que te chamas?

Estou no terceiro dia sem café. Sem comida. O meu estômago deve ter implodido e sugado os outros órgãos para o vazio. Um coro ruidoso de monólogos internos desesperadamente esfomeados está a tentar convencer-me de que aquelas são, de facto, pequenas massinhas pevide a marchar na minha direção, e que podem ser comestíveis.

Não consigo lidar com esta merda.

— Acho que ele não te vai responder — digo eu.

O homem ri-se.

— Não me digas. De qualquer maneira, eu já sei quem ele é. Albert Briscoe, o Monstro do Bayou. — O olhar do homem demora-se no cadáver durante um longo momento antes de desviar a sua atenção para mim. — Mas quem és tu?

Eu não respondo, permanecendo imóvel enquanto o homem dá passos cuidadosos e medidos à volta do canto da jaula para me ver melhor ali onde eu estou, encolhida nas sombras. Quando se aproxima tanto quanto

as barras o permitem, agacha-se. Tento esconder-me debaixo do meu cabelo emaranhado e dos meus membros dobrados, mostrando-lhe apenas os meus olhos.

E como a minha sorte é *do piorio*, ele, claro, é *deslumbrante*.

Cabelo castanho curto, artisticamente despenteado. Traços fortes, mas não severos. Um sorriso maroto com dentes perfeitos e uma cicatriz reta que atravessa o lábio superior de uma boca demasiado convidativa, dado o meu atual estado de cativeiro, com o lábio inferior um pouco mais cheio do que o superior. Eu não deveria estar a pensar em como gostaria de o morder. De maneira nenhuma.

Mas estou.

E, pela minha parte, estou *nojenta* como o caraças.

Cabelo emaranhado. Roupas manchadas e ensanguentadas. O pior hálio que já alguém respirou na história da respiração.

— Tu não és do tipo habitual do Albert — diz ele.

— O que é que sabes sobre o tipo habitual dele?

— Sei que és demasiado crescida para seres o tipo dele.

Ele tem razão. Não é que eu seja velha, com apenas vinte e três anos. Mas este tipo sabe tão bem como eu que sou demasiado crescida para os gostos do Albert.

— E como é que sabes isso, exatamente?

O homem volta a olhar para o cadáver, enquanto uma leve expressão de repugnância passa pelas suas feições na sombra.

— Porque eu fiz questão de o saber. — Olha para mim novamente e sorri. — Suponho que fizeste o mesmo, a avaliar pela qualidade da faca de caça espetada na garganta dele. Aço de Damasco feito à mão. Onde é que a arranjaste?

Suspiro. O meu olhar detém-se no corpo e na minha lâmina preferida antes de encostar as faces aos meus joelhos dobrados.

— No Etsy.

O fulano ri-se e eu apanho uma pedrinha na minha prisão, só para a deixar cair no chão outra vez.

— Eu sou o Rowan — diz ele a estender-me a mão para dentro da jaula. Olho para ele e atiro outra pedrinha e, embora não faça qualquer movimento para aceitar o seu gesto, ele mantém a mão levantada na minha direção.

— Talvez me conheças como o Carniceiro de Boston.

Abano a cabeça.

— O Massacre de Mass...?

Volto a abanar a cabeça.

— O Fantasma da Costa Leste...?

Suspiro.

Claro que já ouvi falar de todos esses nomes, apesar de não *lhe* querer dizer isso.

Mas, por dentro, o meu coração martela o sangue pelas minhas veias. Ainda bem que ele não pode ver como isso inflama as minhas faces com uma chama carmesim. Eu conheço *exatamente* os nomes pelos quais ele é conhecido, e sei que ele não é muito diferente de mim — um caçador que prefere o pior que a sociedade consegue extraír das profundezas do inferno.

O Rowan retira finalmente a mão da minha jaula, e o seu sorriso assume um tom de desânimo.

— É uma pena, pensei que pudesses reconhecer as minhas alcunhas. — Bate com as mãos nos joelhos e levanta-se. — Bem, é melhor ir-me embora. Prazer em quase conhecer-te, prisioneira sem nome. Boa sorte.

Com um último sorriso fugaz, o Rowan vira-se e encaminha-se para a porta.

— Espera! Espera. *Por favor.* — Ponho-me de pé rapidamente para agarrar as barras frias quando ele chega à soleira da porta. — Sloane. O meu nome é Sloane. O Tecelão de Globos.

Há um momento de silêncio entre nós. O único som que se ouve no espaço é o zumbido das moscas e o trabalho constante das larvas que consomem a carne em decomposição.

O Rowan vira a cabeça, lançando-me um olhar por cima do ombro.

E num ápice está ali, mesmo à minha frente, com um movimento tão rápido que me faz recuar das grades, mas não antes de ele me agarrar a mão para a apertar vigorosamente.

— *Oh, meu Deus.* Eu sabia. Eu *sabia* que eles estavam enganados, porra. Tinha de ser uma mulher. O Tecelão de Globos! Um nome tão fixe. A linha de pesca intrincada, a merda dos *globos oculares*. Incrível. Sou um grande fã.

— Ahh... — O Rowan continua a apertar a minha mão, apesar do meu esforço para a retirar. — Obrigada... acho eu...?

— Foste tu que inventaste esse nome? O Tecelão de Globos?

— Sim... — Liberto a minha mão para me poder afastar deste irlandês estranhamente entusiástico. Ele sorri para mim como se estivesse maravilhado e, se eu não tivesse sessenta camadas de sujidade na minha pele, tenho a certeza de que ele seria capaz de ver o rubor nas minhas faces pela segunda vez. — Não te parece que é um nome parvo?

— Não, é ótimo. O *Massacre de Mass* é que é parvo. O Tecelão de Globos é muito fixe.

Encolho os ombros.

— A mim parece-me um nome de um super-herói foleiro.

— Antes isso do que as autoridades inventarem um nome para ti. Acredita. — O olhar do Rowan desvia-se para o cadáver e, em seguida, volta-se novamente para mim, inclinando a cabeça enquanto me observa. Faz um gesto na direção do Albert. — Ele devia estar mesmo a portar-se como um verme. *Topas*?

Há uma longa pausa e o silêncio entre nós é entrecortado pelo zumbido das asas dos insetos.

— Não. Não topo.

O Rowan descarta o assunto com a mão.

— É um ditado irlandês, que significa que ele não andava a fazê-la boa. Mas foi uma piada bastante inteligente, dadas as circunstâncias — diz ele, com o peito inchado de orgulho, apontando para o cadáver com o polegar.

— Mas a pergunta que se impõe é: como é que foste parar a essa jaula, uma vez que ele está morto e tem a tua faca espetada? Apunhalaste-o através das grades?

Olho para a minha camisa que antes estava branca e para a marca da bota suja no meio dos salpicos de sangue.

— Acho que se pode dizer que foi um momento de péssimo *timing*.

— Hum — comenta o Rowan com um aceno de cabeça entendedor. — Acho que eu próprio já passei por um ou dois desses.

— Queres dizer que já estiveste fechado numa jaula com um cadáver e uma pequena infantaria de massinhas pevide a marchar na tua direção?

O Rowan baixa a vista para o espaço à nossa volta e franze o sobrolho.

— Não. Não posso dizer que tenha estado.

— Bem me parecia — murmuro com um suspiro cansado. Sacudo a poeira das minhas mãos nos meus calções de ganga sujos e recuo mais um passo, inclinando a anca. Começo a ficar irritada com este intruso que parece não estar a fazer mais do que a adiar a minha morte lenta por inanição. Estou com a forte sensação de que ele é um tanto chanfrado e tenho a impressão de que ele não está lá muito virado para me deixar sair daqui.

Mais vale despachar isto.

— Então...?

— Estão a conseguir fazer um bom progresso, as massinhas pevide — diz o Rowan, mas para si próprio do que para mim, enquanto o seu olhar

continua fixo no rasto dos minúsculos vermes brancos que avançam na minha direção. Quando os seus olhos se levantam do chão, fixam-se nos meus com um sorriso ávido. — Queres ir almoçar?

Encaro aquele desconhecido com um olhar vazio, fazendo um gesto para a minha camisa ensanguentada e com a marca da bota.

— Só se nos quiseres mandar aos dois para a cadeia imediatamente... não...?

— Certo — diz ele, franzindo o sobrolho, antes de avançar para o cadáver do Albert. Vasculha os bolsos do morto, mas não encontra nada. Quando levanta a vista para o pescoço intumescido, solta uma pequena interjeição de triunfo, arrancando a minha faca antes de dar um puxão numa corrente de prata, partindo os elos com o esticão rápido da sua mão forte. Sorri para mim quando se levanta, abrindo os dedos para mostrar a chave que está na palma da sua mão.

— Vai tomar um duche. Eu vou arranjar-te umas roupas. E a seguir dei-tamos fogo à casa.

O Rowan destranca a porta e estende a mão para dentro das sombras da minha gaiola.

— Anda lá, Blackbird. Estou com vontade de comer churrasco. O que é que me dizes?

TUDO MUITO DIVERTIDO

ROWAN

O Tecelão de Globos.
Estou sentado do outro lado da mesa com a sacrista da *Tecelã de Globos*.
E ela é *linda* como o caraças.

Cabelos negros asa de corvo. Olhos cálidos cor de avelã. Um punhado de sardas nas bochechas e um narizinho que ficou ligeiramente vermelho. Ela aclara a garganta, toma um longo trago da sua cerveja e em seguida franze o sobrolho, com os olhos fixos no seu copo enquanto o afasta.

— Estás doente — digo eu.

Os olhos da Sloane cruzam-se com os meus com um olhar desconfiado antes de a sua atenção se desviar para o restaurante. O seu olhar atento pousa numa mesa com clientes apenas por um momento, antes de passar para a seguinte. A Sloane é uma rapariga nervosa.

Provavelmente justifica-se, tendo em conta as circunstâncias.

— Três dias naquele buraco infernal não podiam deixar de ter um preço. Ainda bem que eu tinha água lá dentro, porra. — Estende a mão para a caixa de guardanapos e tira um papel para assoar o nariz. O seu olhar volta a fixar o meu, mas não se detém por muito tempo. — Obrigada por me deixares sair.

Encolho os ombros e dou um golinho na minha cerveja, a observá-la em silêncio enquanto o seu olhar se desvia para um empregado que sai da cozinha com o pedido de outra mesa. A Sloane quis uma mesa debaixo da janela, apontando para a que queria exatamente quando a recepcionista nos conduziu à sala. Agora percebo porquê. Fica a meio caminho entre a entrada principal, a saída de emergência junto às casas de banho e a cozinha.

Será que ela é sempre assim tão insegura, ou terá sido o tempo que passou na gaiola do Albert que a deixou assustadiça? Ou serei eu?

Ela é sensata em ser cautelosa.

Os meus olhos mantêm-se fixos nela e aproveito a oportunidade para observar abertamente a minha companheira de jantar enquanto ela inspeciona o restaurante.

A Sloane enrola o cabelo húmido por cima do ombro e o meu olhar desce até ao seu peito, como tem acontecido de dois em dois minutos desde que ela saiu da casa de banho do Albert Briscoe com uma *T-shirt* dos Pink Floyd e sem sutiã.

Sem sutiã.

Aquele pensamento ecoa no meu cérebro como os sinos de uma igreja numa manhã de domingo cheia de sol.

O seu corpo é curvilíneo e forte, exercendo uma espécie de magia sobre aquelas roupas roubadas, que deveriam parecer tudo menos *sexy*, uma vez que vieram do armário do Briscoe. Ela até faz as calças de ganga dele assentarem bem, com as bainhas das pernas compridas enroladas até aos tornozelos e a cintura larga apertada com dois lenços vermelhos atados para formar um cinto improvisado. Deu um nó na parte de baixo da *T-shirt* para que ficasse ajustada à cintura, revelando uma faixa de pele tentadora e o seu *piercing* no umbigo, enquanto se recosta no assento com um suspiro exausto.

Sem sutiã.

Preciso de manter a compostura. Ela é a Tecelã de Globos, por amor de Deus. Se ela me apanha a comê-la com a vista, pode arrancar-me os olhos e enfiá-los numa linha de pesca antes de eu ter tempo de dizer as palavras «*sem sutiã*».

A Sloane roda um ombro, o que não ajuda muito a minha intenção de esquecer o mantra *sem sutiã*. Leva os dedos à articulação enquanto uma ligeira cristação de dor lhe vinca as feições. Franze o sobrolho quando os seus olhos encontram os meus.

— Ele deu-me um pontapé — explica ela, deixando a sua mão sobre o ombro, em resposta à pergunta que eu não pronunciei. — Bati com o ombro na esquina da jaula quando caí.

As minhas mãos fecham-se em punhos cerrados por baixo da mesa, com uma raiva ardente a queimar-me as veias.

— Cabrão.

— Bem, eu enfiei-lhe a faca no pescoço, por isso acho que foi justificado.

— Desliza a palma da mão pelo braço e dá uma fungadela, fonzindo o nariz. *Adorável* como o caraças. — Ele conseguiu fechar-me lá dentro antes de cair. Até se riu.

A empregada aproxima-se com dois pratos de costeletas e um de batatas fritas, suscitando um olhar voraz na Sloane. Quando o prato é pousado à sua frente, ela sorri, com uma pequena covinha a aparecer-lhe junto aos lábios.

Agradecemos à empregada, que se demora um pouco ali na periferia, antes de a Sloane lhe confirmar que já temos tudo o que precisamos. Quando a mulher se vai embora, a Sloane ri-se, com aquela covinha a aprofundar-se.

— Não me digas que isso te acontece tantas vezes que nem sequer fica registado no teu cérebro. Isso é simplesmente deprimente.

— Que acontece o quê...?

A Sloane lança uma olhadela à empregada e eu sigo a sua linha de visão até à mulher que, por cima do ombro, nos faz um sorrisinho.

— Oh, meu Deus, não fica *mesmo nada* registado. Tipo, *de modo nenhum*.

A Sloane abana a cabeça e arranca uma costeleta do «piano» fumegante no seu prato.

— Bem, prepara-te, meu lindinho. O meu estômago tem andado a consumir os órgãos mais próximos nos últimos três dias e eu vou devorar a porra destas costeletas da forma menos elegante possível.

Eu não digo nada, preso à visão dos seus dentes perfeitos enquanto ela rasga a carne fumegante que se solta do osso cinzento. Uma gota de molho *barbecue* junta-se ao canto dos seus lábios, ela passa a língua para a recolher e eu fico para morrer, caraças.

— Então... — Aclaro a garganta, na esperança de que a minha voz não falhe. O sobrolho da Sloane franze-se enquanto ferra outra dentada na carne.

— Por que não, Blackbird?

— Hã? — Ela enfia a ponta da costeleta na boca e chupa a carne diretamente do osso, puxando-a com os lábios, com os dedos manchados de molho. A minha gaita aperta-se contra o fecho das minhas calças, só de ver as suas faces a encovar.

Imagine-se o que ela poderia fazer com aquela boca, c'um caneco.

Tomo um golinho de cerveja e baixo a vista para o meu prato.

— O teu nome — respondo antes de começar a comer uma costeleta, apenas para distrair certas partes do meu corpo, que estão a tornar-se bastante insistentes a respeito daquilo que querem. — Porque é que não escolhestes um nome como Blackbird¹? Esse cabelo asa de corvo, essa natureza irrequieta, a canção... arrisco-me a adivinhar que é da tua infância, certo? Ouve-te a cantá-la quando estavas na gaiola.

A Sloane para de mastigar por um momento enquanto olha para mim

¹ Melro. (N. de T.)

com um ar pensativo, passando o polegar pelo lábio inferior. É a primeira vez que o olhar dela se fixa realmente em mim, e ele crava-se diretamente no meu crânio.

— Isso é só para mim — diz ela. — Tecelão de Globos é para *eles*.

Os seus olhos escureceram e, num piscar de olhos, ela passou de uma beldade *sexy* e esfomeada com o nariz a pingar para uma assassina perversa, sem remorsos e com uma determinação férrea.

Assinto com a cabeça.

— Eu entendo.

Talvez eu seja a única pessoa que entende.

A Sloane mantém o seu olhar inflexível fixo em mim.

— Qual é a tua cena, ó lindinho?

— A minha cena?

— Tu percebeste. Apareces em casa do cabrão, deixas-me sair da jaula, incendeias-lhe a casa e trazes-me a comer costeletas e a beber cerveja. No entanto, basicamente não sei nada a teu respeito. Então, qual é a tua cena? Porque é que estavas em casa do Briscoe?

Encolho os ombros.

— Fui lá para lhe cortar os membros e apreciar a sua morte lenta e agonizante.

— Mas porquê ele? Estamos um bocadinho longe de Boston. Tenho a certeza de que há por lá muitos traficantes de droga para te divertires e que não precisavas de vir tão longe por causa de um fulano.

Um silêncio pesado adensa o ar e paramos os dois com as costeletas a meio caminho da nossa boca. Um sorriso malicioso estende-se nos meus lábios enquanto o rosto da Sloane esmorece.

— Tu sabes *perfeitamente* quem eu sou.

— *Oh, meu Deus.*

— Sabes sim. Sabes que eu gosto de caçar no meu território. Há quanto tempo és minha fâ?

— Meu Deus, *para*.

Dou uma risadinha quando a Sloane deixa cair a testa sobre os pulsos dobrados, com uma costeleta ainda agarrada entre os seus dedos pegajosos.

— Qual foi o teu favorito? — pergunto eu. — O fulano que eu esfolei e pendurei na proa do navio no porto de Griffin? Ou o gajo que eu pendurei na grua? Esse pareceu-me popular.

— Já percebi que tu és *do piorio*. — A Sloane mantém as mãos levantadas, num esforço inútil para cobrir o rubor abrasador que lhe inflama as

faces. Os seus olhos cor de avelã dançam, apesar do olhar que ela tenta lançar na minha direção. — Leva-me outra vez para a cela do Briscoe.

— O teu desejo é uma ordem.

Olho para o balcão e levanto a mão para a empregada, que demora um momento a ver-me antes de se começar a dirigir para nós com um sorriso cada vez maior.

— Rowan...?

— O que foi? Disseste que querias voltar para casa do Briscoe, por isso vamos voltar.

— Eu estava a brincar, seu psicopata...

— Não te preocipes, Blackbird. Eu levo-te de volta para a tua gaiola pequena e malcheirosa. De certeza que ainda está de pé, apesar do fogo. Achas que sobreviveram algumas larvas? Podes catá-las das cinzas, se for o caso.

— Rowan... — A Sloane estende a mão e envolve o meu pulso, deixando impressões digitais pegajosas na minha pele. Um choque de eletricidade percorre a minha carne ao seu toque. Mal consigo conter o meu divertimento perante o pânico crescente nos seus olhos.

— Passa-se alguma coisa, Blackbird?

A empregada chega ao pé da nossa mesa com um sorriso radioso.

— Posso trazer-lhes alguma coisa?

Mantendo os olhos na Sloane, erguendo as sobrancelhas enquanto o seu olhar selvagem dardeja entre mim e as saídas.

— Mais duas cervejas, por favor — digo eu. O olhar da Sloane vira-se para mim, com os olhos estreitados em fendas finas.

— É para já.

— Era o que eu dizia — resmunga a Sloane enquanto tira os dedos do meu pulso. — *Do piorio*.

Faço-lhe um sorriso torto. Os olhos da Sloane fixam-se no meu sorriso e o seu olhar suaviza-se, apesar de eu perceber que ela não quer fazer isso.

— Um dia vais adorar-me — ronrono, mantendo os olhos dela fixos nos meus. Passo a língua lentamente sobre o molho que ela deixou na minha pele. Os olhos da Sloane brilham na luz morna da tarde que se filtra pelas janelas do restaurante e a covinha ao lado dos seus lábios é um vestígio do divertimento que ela não consegue conter.

— Acho que não, Butcher².

Veremos, diz o meu sorriso.

² Carniceiro. (N. de T.)